
Apresentação

E eis que, finalmente, esse sonho está se tornando realidade! Temos a honra de apresentar aos nossos leitores a primeira revista sobre o universo da comunicação dialógica em língua portuguesa. Fruto dos esforços de diversos colaboradores, aos quais agradeceremos a seguir, a Revista pretende constituir-se um fórum de encontros e debates entre comunicadores, educadores, produtores culturais, militantes dos mais diversos tipos de movimentos sociais, cientistas sociais, enfim, todos aqueles que atuam em torno da produção de significados em prol de transformações sociais na direção de uma vida mais justa, tranquila e equitativa no planeta Terra. Se o cenário é tenebroso, a hora é de guarnecer. Vamos aproveitar esse espaço para refletir e construir juntos novas formas de pensar a comunicação, a educação e a cultura? Esse é o convite que fazemos neste lançamento.

O primeiro agradecimento vai para Luany Galdeano, aluna do curso de Jornalismo e bolsista do Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD) alocada à Revista de Comunicação Dialógica (RCD), que vem se desdobrando para resolver os mais diversos tipos de problemas que têm aparecido no processo de edição e colaborando em tarefas de maior exigência, tais como a elaboração de textos como este. Obrigado, Luany, por toda a sua dedicação. Obrigado também a Pedro Henrique Patreniere, nosso artista gráfico, também bolsista do LCD, que elaborou a capa da Revista e está fazendo a diagramação dos artigos.

Vale ressaltar que a RCD ganhou corpo a partir dos apoios da professora Ana Lúcia Nunes (NUTES/UFRJ) e Adilson Cabral (PPGMC/UFF), os quais, por meio de suas redes, indicaram vários membros que hoje compõem os nossos Conselho e Comissão Editoriais. Um agradecimento especial a estes dois professores e a todo Conselho e Comissão, que esperamos sigam garantindo uma avaliação de pares cega de alta qualidade, como demonstraram neste primeiro número.

Esse projeto não teria sido possível também sem a colaboração do Professor Flávio Barbosa, da Faculdade de Letras da Uerj, que, muito generosamente, aceitou o desafio de coordenar a revisão dos textos da RCD. Agradecemos muito a ele, ao revisor Pedro Henrique Tenório, aluno do curso de Letras da Uerj e às revisoras em inglês, Alice Antunes, e espanhol, Valentina Carranza. Esperamos poder contar sempre com essa fundamental colaboração.

Agradecemos também à Equipe do Portal de Publicações Eletrônicas da Uerj e, em especial, à técnica Nathalia Avila. Desculpem a nossa ansiedade em alguns momentos, mas, estamos conseguindo atingir as metas de publicação sem grandes atrasos, era esse o nosso objetivo.

E, por fim, agradecemos a todos os autores que colaboraram nesse número. Este espaço só será consolidado se vocês seguirem acreditando nele e enviando suas pesquisas, reflexões, experiências, material de campo, entrevistas, resenhas, enfim, os mais diversos formatos de texto que a RCD está acolhendo.

Comentemos então o que estamos trazendo nesse número inaugural. O primeiro artigo, de Victor Gabry e Márcio Castilho, analisa os campos da comunicação e da cultura como meios de disputas pela participação entre comunicadores populares e hegemônicos. A partir disso, deixam clara a importância de abordagens diferentes daquelas dominantes, levando à reflexão sobre a importância da comunicação comunitária em um universo marcado pela hegemonia das mídias corporativas. Os autores demonstram, através de experiências culturais locais – analisadas por entrevistas a dois grupos em Niterói, o Conexão Favela & Arte e o Rap School –, a necessidade de tais projetos para a expansão das culturas nas comunidades locais. Além disso, utilizam-se da associação entre Peruzzo e Gohn para mostrar como a comunicação popular pode auxiliar na expansão dos movimentos sociais e das lutas pelos direitos humanos.

A partir da teoria sobre comunicação comunitária, Adílson Cabral e Renata Carvalho apresentam os limites e possibilidades de duas páginas de Facebook que versam sobre questões locais de São Gonçalo enquanto mídias que contribuem para o desenvolvimento da cidadania. O texto revela as contradições presentes nas iniciativas entre abordagens particularistas – seja de cunho político partidário, em um dos casos, seja pela expiação pessoal, em outro – e esforços pelo encaminhamento de problemas de interesse público. A tentativa de enquadramento dos casos estudados nos pressupostos da teoria aponta para os próprios limites da mesma e para a necessidade de repensar nossas classificações e quadros conceituais.

O artigo de Jax N. Pinto e Ingrid G. Bassi, “Comunicação, Resistência e Não Violência: as narrativas históricas da Rádio Comunitária Camponesa “Palmares”, revela a importância da comunicação no processo de construção da luta camponesa pela reforma agrária e contra o latifúndio. Numa das regiões mais conflituosas do país, o sudeste do Pará, onde diversos atores sociais disputam espaços de poder, a história da Rádio Palmares, fundada logo após a ocupação de terras que deu origem ao assentamento de mesmo nome, ao constituir-se como eixo de comunicação entre todos os envolvidos no processo, fonte de formação política e base cultural que lhes confere identidade social, confunde-se com a própria história desses camponeses enquanto tais. É uma honra ter esse artigo no primeiro número da RCD e poder evidenciar como se dá a relação entre a comunicação comunitária e a constituição do mais importante movimento social brasileiro: o MST.

João Lúcio Mariano Cruz nos conduz às décadas de 1960 e 1970 para descobrir algumas das contradições da imprensa alternativa, sem deixar de reconhecer a sua impor-

tância para os movimentos de contestação à ditadura então vigente. O autor revela como o jornalismo da época, tanto o hegemônico quanto o insurgente, era marcado por uma série de preconceitos de classe, gênero e raça. O texto narra e discute o fortalecimento do debate público acerca das diferenças identitárias ocorrido na época, expresso em novos veículos administrados por e voltados para públicos específicos, tais como gays, lésbicas e negros, com o objetivo de dar conta das especificidades de gênero e raça que até então eram escondidas pela mídia hegemônica, ou algumas vezes ironizadas pelos veículos alternativos.

Uma das mais importantes linhas editoriais da RCD é aquela que tratará da economia política das comunicações. Em outras palavras, é aquela que apresenta, analisa e discute os modos como são formados e transformados os sistemas de comunicação, com ênfase, é claro, para o caso brasileiro. O modo como estão estruturados os sistemas de comunicações estão diretamente relacionados aos processos de democratização da informação e da cultura, eixos fundamentais que esta Revista pretende ajudar a promover. Nesse sentido, ficamos muito agradecidos com a contribuição de Bruno Henrique B. Rebouças nesse primeiro número, com o artigo “Aspectos estruturais do sistema midiático brasileiro”, que, embora não apresente muitas informações inovadoras em relação ao já apontado na bibliografia sobre o tema, traz um resumo bem completo e didático. Em abordagem descritivo-explicativa, o autor destaca a orientação liberal que regeu a formação do nosso sistema de comunicações; a partir disso, explicita os principais pontos referentes à legislação brasileira sobre o sistema de radiodifusão e a estrutura do nosso sistema de comunicações, identificando cada uma das nove principais famílias que o exploram. Dessa forma, demonstra com clareza o estado de concentração que existe hoje em nosso sistema, apontando para os efeitos que isso gera sobre nossa sociedade.

Em seu artigo, Laura Cervi mostra como a participação dos cidadãos vem mudando o jornalismo contemporâneo, transformando-o, segundo suas próprias palavras, em um “bem comum”. A autora destaca a importância da integração entre jornalista e leitor no mundo contemporâneo. A partir da análise de grandes veículos de mídia – tais como BBC, CNN e France24 –, o texto analisa o conteúdo gerado pelos usuários nas respectivas plataformas digitais e reflete até que ponto estas iniciativas podem ser consideradas de comunicação participativa. Ao final do artigo, a autora propõe formas de se promover tal tipo de comunicação. O primeiro número da RCD não poderia deixar de contar com um texto daquela que foi a principal colaboradora para a configuração desse projeto, a pesquisadora Ana Lúcia Nunes que, por meio de suas sugestões e redes de contato, contribuiu de forma decisiva para a formação dos nossos Conselho e Comissão Editoriais. A autora apresenta aqui um dos capítulos de sua tese de doutorado, que já se tornou uma referência para a compreensão do fenômeno do videoativismo no Brasil contemporâneo. Nesse texto, ela nos traz uma comparação entre a cobertura da mídia hegemônica e a da videoativista, apresentando por meio da aplicação criteriosa de métodos científicos a disputa narrativa entre ambas. O texto demonstra que a mídia comercial omite e/ou criminaliza as demandas e mobilizações sociais; e

que a midiativista concentrou-se nas acusações ao Estado acerca da violência policial contra manifestantes ao longo dos protestos contra a Copa do Mundo no Brasil, em 2014.

Conhecer o trabalho de Ana Suzina foi uma das mais gratas surpresas desse primeiro número da Revista, que temos o prazer de dividir com os leitores. Destaca-se o rigor na exposição e na concepção do seu método de trabalho. Merece atenção a diversidade de experiências estudadas pela autora, o que a torna uma das principais referências atualmente na nossa área. O artigo é importante para mostrar como as tecnologias precisam ser adequadas aos contextos sócio-político-culturais nos quais as experiências se inserem. São destacadas também as possibilidades do uso do audiovisual como linguagem e, nesse sentido, na ampliação da distribuição da informação. Ao mesmo tempo que descobre experiências significativas, o estudo também revela como nossa área avançou nesses últimos anos, apesar de todas as dificuldades para a estruturação e manutenção dos grupos.

No último artigo do primeiro número da RCD, procuro oferecer uma contribuição ao debate sobre as formas de designar o universo aqui tratado. A partir da premissa que os diversos termos utilizados – comunitária, popular, contra-hegemônica, alternativa, livre, midiativista, independente – induzem a confusões e a disputas entre os grupos, dificultando o reconhecimento de nossas atividades, faço uma análise de como a bibliografia nacional os vem conceituando e proponho uma classificação inspirada na ideia de comunicação dialógica de Paulo Freire. Procuro mostrar que, no fundo, estamos sempre falando de uma mesma coisa, cuja melhor expressão encontra-se na ideia de dialogia do nosso querido mestre; o que variam são algumas condições sociais nas quais ela ocorre, o que, a partir daí, nos permite classificar esse universo.

Tivemos enorme identificação com o primeiro relato de experiência que recebemos. A experiência do curso de extensão “Mídia, violência e direitos humanos” traduz de forma perfeita o ideal da pedagogia e comunicação dialógicas. Ao narrar o processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento, e os desafios enfrentados nessa empreitada, seu coordenador, Pedro Barreto, demonstra como a perspectiva da construção coletiva do conhecimento baseada na troca de saberes entre afetados por questões sociais, militantes e comunicadores populares pode enriquecer a subjetividade dos envolvidos e contribuir para a elaboração de políticas públicas mais ajustadas aos interesses populares. Fica bastante evidente como a abertura para o diálogo entre todos os envolvidos, por parte dos organizadores, vem contribuindo para o aperfeiçoamento da experiência e gerando excelência aos conhecimentos produzidos. Os episódios conflituosos descritos mostram também como o diálogo entre atores sociais em oposição política, ao promover a compreensão mútua, pode significar o rompimento das barreiras impostas pela violência cotidiana e contribuir para a transformação de situações de opressão.

O segundo relato de experiência é de uma das principais militantes da comunicação comunitária do Rio de Janeiro. Ter um texto de Gizele Martins no primeiro número da RCD constitui um enorme orgulho para nós e demonstra que o diálogo, o respeito e o reconheci-

to ao trabalho sério são capazes de superar mal-entendidos e divergências, sempre menores que os ideais pelos quais lutamos. Nossa relação com ela, marcada por idas e vindas, remonta ao início do LCD, em 2012,

quando organizamos juntos o I Seminário Regional de Comunicação Comunitária. O relato que nos traz apresenta três episódios que retratam um pouco da sua trajetória de mais de 10 anos à frente de um dos principais jornais comunitários do Rio de Janeiro, “O Cidadão”, um marco para a identidade dos moradores da Maré e para a cidade como um todo. Por meio desses episódios, percebemos o poder de mobilização e transformação sociais que o jornalismo comunitário pode promover nas favelas cariocas, invisibilizadas e/ou criminalizadas pelos veículos hegemônicos de comunicação. Obrigado, Gizele!

Nossa primeira resenha não segue os cânones mais convencionais deste tipo de texto. Ao invés de dissecar e analisar determinado texto, Xavier, por meio da obra de Buber, nos traz a reflexão sobre a ideia de dialogia, ponto de partida para a nossa Revista. Poderíamos dizer que o texto está entre um artigo e uma resenha. Utilizando a metáfora da ciranda como prática conectiva, o autor nos convida a refletir sobre as diferenças entre o Eu-Tu e o Eu-Isso, entre o diálogo e o monólogo, entre o diálogo autêntico e o falso diálogo (objetificado). Por meio de uma abordagem filosófica, o texto dá pistas sobre as referências de Freire e nos instiga a visitar a obra do pensador hassídico, videnciando a influência da sua religião sobre suas ideias.

Obrigado mais uma vez a todos os nossos colaboradores! Boa leitura a todos!

*Marcelo Hernandez Macedo
Luany Lima Galdeano*